

As mulheres do Baixo Minho

Intervenção de Raquel Gallego

Em nome do núcleo de Braga, saúdo as amigas presentes, as congressistas e as convidadas, em especial as convidadas internacionais, assim como aquelas que por motivos de força maior não puderam estar aqui hoje.

Queremos também dedicar um abraço especial às três amigas que nos deixaram recentemente, Noémia Santos, Fernanda Sá Mendes e Manuela Casais Batista. Obrigada, Noémia, Fernanda e Manuela por todos os anos de dedicação ao movimento e à luta das mulheres, por nos abrirem caminho, desde tempos mais difíceis do que estes. Fostes verdadeiras mulheres progressistas, guerreiras, que lutastes por todas nós. Tudo faremos para honrar e continuar o vosso legado.

Os quatro anos que decorreram desde o nosso último congresso foram atípicos, ninguém imaginava o cenário com que nos deparamos. Mas na realidade, a actividade do nosso núcleo não foi nada atípica: comemoramos o dia da mulher, o dia da liberdade, o dia do trabalhador; realizamos e participamos em tertúlias e tribunas, reflectimos e debatemos sobre a saúde da mulher, o 25 de Abril, a violência contra as mulheres, o assédio, a paz, as condições de trabalho. Acompanhamos a situação das mulheres do distrito, as suas lutas e preocupações, a actualidade nacional e internacional.

Mas permitam-me apenas uma breve reflexão sobre o quê marcou realmente nos últimos anos às mulheres do baixo Minho, e que o nosso núcleo acompanhou. Quatro exemplos da força das nossas mulheres.

Mulher confinada - mulher calada - As minhotas não se calam.

Mulher sozinha - mulher vencida - As minhotas uniram-se.

Mulher estudante. Quando algumas estudantes da Universidade do Minho foram vítimas de assédio sexual, dentro do campus universitário, e perante a falta de resposta por parte das autoridades e da reitoria (são coisas que acontecem, menina), as estudantes uniram-se, organizaram-se, manifestaram-se e fizeram-se ouvir, porque assediar uma estudante é assediar a comunidade estudantil, e foi sentido por todas. Exigiram soluções. Conseguiram algumas. Sobretudo, abriram caminho.

Mulher inquieta - mulher em movimento

Mulher mãe. A Segurança Social de Braga decidiu um dia que os bebés que frequentavam as amas deveriam levar marmita de casa, a comida deixaria de ser confeccionada pelas amas. Para algumas crianças, aquele almoço era a única refeição completa que faziam. Mesmo quando não era assim, era inadmissível

pensar em bebés individualistas, com a introdução dos alimentos, e a comer todos os dias comida reaquecida. As mães insurgiram-se, juntaram-se, manifestaram-se, pintaram cartazes, convocaram a imprensa e gritaram, à porta da Segurança Social “Bebés sem marmita”. No próprio dia em que a medida entraria em vigor foi revogada e não houve mais marmitas para os bebés. Com os nossos bebés ninguém se mete, disseram.

Mulher garra – mulher guerreira

Mulher trabalhadora. Os trabalhadores das Misericórdias, na sua maioria mulheres, trabalharam meses a fio abdicando de muitos direitos, inclusive da sua vida pessoal, para dar resposta em tempos de pandemia. O reconhecimento que tiveram foi inverso, aumentou a exploração, o assédio moral. Elas uniram-se, sindicalizaram-se, fizeram greves, deram a cara e manifestaram-se. O assédio aumentou, tiveram processos disciplinares. Mas não desistiram, não se calaram. A sua resiliência foi maior que a dos patrões, reconquistaram alguns direitos.

À sua luta juntaram-se mais trabalhadoras do sector social, das IPSS, até serem centenas na última manifestação. Vão continuar a reivindicar melhores condições de trabalho, melhores salários, e a exigir negociação dos contratos colectivos de trabalho.

Mulher organizada – mulher libertada

As amas da Segurança Social, que trabalharam durante anos e anos num regime completamente precário, conquistaram recentemente um contrato de trabalho permanente, salário, descontos, direitos. Mas a luta das mães lembrou-lhes que ainda sofrem desigualdades, a sua carreira não é reconhecida nem o tempo de serviço; muitas irão reformar-se em poucos anos no primeiro escalão de vencimento. Não recebem subsídio de alimentação, e o subsídio para alimentação das crianças era insuficiente e desigual. Também se uniram, sindicalizaram-se, manifestaram-se e disseram NÃO. Disseram-lhes que nunca estão bem, sempre a reclamar. Ganharam algumas batalhas, outras ainda estão em curso. E sim, continuarão a reclamar enquanto houver motivos.

Estes são alguns exemplos da força das mulheres do Baixo Minho, das lutas que acompanhamos e apoiamos. A força da juventude, a força das mães, a força da mulher trabalhadora, que não só move montanhas como também estereótipos petrificados.

Enquanto houver exploração, precariedade, assédio, baixos salários, desigualdade, violência, ocupação, estas mulheres, minhotas, continuaremos em movimento por direitos, igualdade, justiça social e paz.

Viva a luta das mulheres!

Viva o XI Congresso do MDM!